

OS PERCURSOS LITERÁRIOS DO LEITOR LIMA BARRETO

Luciana da Costa Ferreira¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo estudar as influências literárias do leitor Lima Barreto. Seu apoio em autores como Gaultier, Dostoiévski, Taine e Cervantes contribuíram para a elaboração do seu conceito de literatura militante.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Crítica Literária, Lima Barreto.

ABSTRACT: This article aims to study the literary influences of the reader Lima Barreto. His support on authors such as Gaultier, Dostoevsky, Taine and Cervantes contributed to the development of his concept of militant literature.

KEYWORDS: Brazilian Literature, Literary Criticism, Lima Barreto.

Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer.
(Lima Barreto)

Lima Barreto é classificado como um dos mais importantes romancistas brasileiros. Alguns estudiosos afirmam, porém, que há alguns pontos fracos em sua produção ficcional. A sua simplicidade na linguagem é vista como desleixo com a gramática e a caracterização dos personagens inspiradas em seres reais é analisada como falta de imaginação. Deve-se ressaltar, contudo, que a literatura de Lima Barreto que Antonio Candido (1987, p.44) definiu como tendo “ares de rascunho” provém de concepções construídas por um sofisticado e estudioso leitor de escritores como Dostoiévski e Cervantes.

O escritor de *Clara dos Anjos* deixou uma rica documentação onde podemos observar e refletir a cerca dos percursos literários que contribuíram para a definição de seu projeto literário. Sua concepção de literatura militante derivou-

¹ Especialista em Literatura Portuguesa e Africanas pela UFRJ, mestre em Teoria Literária pela UFRJ. Atualmente é doutoranda em Teoria Literária pela UFRJ.

se das várias leituras que fez ao longo de sua vida. O importante é que percebemos que por trás da simplicidade de seu estilo literário há um trabalhoso estudo da arte literária.

A preocupação de Lima Barreto ia além do ato de ler. O escritor teve o cuidado de catalogar seus apontamentos de leitura, de arquivar recortes de revistas e de organizar a sua biblioteca chamada pelo próprio escritor de “Limana”. Na biblioteca pessoal de Lima Barreto, podem-se observar muitas de suas preferências literárias. Segundo Francisco de Assis Barbosa (1975, p. 310-11):

A “Limana” reflete, contudo, a própria formação intelectual de Lima Barreto. Ali estão os autores prediletos do escritor, a começar por Balzac e a terminar em Descartes, com o *Discours de la Méthode* /.../. Lá também estão: Rousseau, Renan, Spencer, Taine, Brunetière, Guyau, Bouglé /.../, além dos teóricos ou simples vulgarizadores do socialismo ou do anarquismo, como Benôit – Malon, Hamon, Malato, Eltzbacher, Kropótkine.

Do grupo dos escritores de ficção, fora Balzac, encontram-se Cervantes, George Eliot, Maupassant, Anatole France, Dostoievski, Tolstoi, Thékov, Turguêniev /.../ e o nosso Machado de Assis.

O escritor ainda guardava todas as correspondências que recebia e o rascunho das respostas que enviara. As suas correspondências, aliás, são um rico material histórico e literário. Sem dúvida, Lima Barreto percebeu essa importância ao arquivá-las tamanha a quantidade de discussões que nelas se acham. Entre os intelectuais que dialogaram com Barreto podemos dar destaque a Monteiro Lobato que se mostra entusiasmado com a leitura de *Recordações do escrívão Isaías Caminha* e com a publicação de seu próprio livro de contos (BARRETO, 1956b, p. 55-6):

São Paulo, 28 de dezembro de 1918.

Meu caro Lima Barreto,

Recebi as últimas provas, e acabo de rever eu mesmo os primeiros capítulos do teu livro. Que obra preciosa estás a fazer! Mais tarde será nos teus livros e nalguns de Machado de Assis, mas sobretudo nos teus, que os pósteros poderão “sentir” o Rio atual com todas as suas mazelas de salão por cima e Sapucaia por baixo. Paisagens e almas, todas, está tudo ali.

/.../ O meu livro de contos...Cá entre nós: não sou literato, nem quero ser, porque João do Rio o é. Mas, morando na roça, e, “curioso”, muito amigo de carpintejar, experimentei um dia aplicar às letras a arte do carapina. E mede, serra, aplaina, encaixa, embute, entrosa, lixa, enverniza, fiz uns contos para a *Revista do Brasil* como

faria móveis se o material fosse madeira. Mudando-me para São Paulo, por estimação do Plínio Barreto, publiquei-os em volume. E com grande espanto, vi-me transfeito na desadorada espécie — homem de letras, com o livro a fazer carreira — positivamente... Basta dizer que já tirei em cinco meses três edições num total de 7.000 exemplares. E pelos modos por que sai a terceira (seiscentos vendidos na primeira semana), para o ano farei a quarta... Isto quer dizer que o Brasil está errado. A Academia de Letras deve despir-se da imortalidade que se outorga para pegar da enxó, e os carapinas de norte a sulque apanhem a pena. Donde concluo uma definição boa para o país: o Brasil é a terra onde o certo dá errado e o errado dá certo. /.../

Adeus e dispõe do
Monteiro Lobato.

Nas cartas arquivadas por Lima Barreto, há diálogos travados com intelectuais como o próprio Monteiro Lobato e personalidades como Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Oliveira Lima, Austregésilo de Ataíde. Muitas servem de suporte para enveredarmos na rede social de Lima Barreto e nas leituras que empreendia.

Prosseguindo no percurso literário barretiano, deve-se destacar o seguinte fato: o quarto do romancista tinha suas paredes tomadas por recortes de revistas e jornais como se tecesse um grande livro em sua volta. Muitos desses recortes de revistas e jornais eram colados em um caderno que chamou de “Retalhos”. Como o próprio romancista registrou:

Leio com cuidado os jornais do dia /.../ O jornal é uma fonte de estudos para mim. (BARRETO, 1956f, p.249)

Quando queremos ler um jornal com cuidado, fazemos descobertas portentosas. (BARRETO, 1956f, p. 207)

Tendo escrito mais de 500 crônicas, muitas tinham como enfoques a crítica de livros que lera. A propósito, o autor afirmou que, constantemente, recebia material para ser analisado. Percebe-se que Lima Barreto era bastante curioso a cerca do surgimento de novos autores e evitava deixar de ler e responder aos escritores que lhe mandavam obras:

O Senhor Ranulfo Prata teve a bondade e a gentileza de me oferecer um exemplar de seu livro de estreia *O Triunfo*. Eu o li com interesse e o cuidado de todos os livros de moços que me caem nas mãos, pois não quero que um só talento me passe despercebido. (BARRETO, 1956d, p. 126-7)

Seu viés de crítico literário era respeitado como cita Valéria Lamego (2000, p.1): “Escritores da moda como um esquecido Theo Filho, best seller na década de dez, imploravam por uma crítica do autor”. Barreto publicava em periódicos sua opinião sobre literatura e também a respeito de teatro, artes plásticas e até música (FANTINATI, 1978, p.24-5). Constantemente, em seus textos, vemos que procurava ler o material que lhe ofertavam com bastante cuidado revelando, assim, que era um leitor que não desejava que nenhum conhecimento escapasse de suas mãos. Também mantinha sempre a humildade revelando que não possuía autoridade para discutir com profundidade certos assuntos:

Acabo de ler com todo cuidado a sua obra. /.../ Agradou-me sobretudo no seu trabalho a elevação de vistas com que o senhor trata todos os assuntos, a visão largamente humana dos seus propósitos poéticos, enfim, a vista superior que o senhor lança sobre os homens e as coisas, e a sua fé no destino sagrado da poesia. (Carta a Afonso de Carvalho, BARRETO, 1956b, p. 209-10)

Recebi o seu trabalho — *Obras novas contra as secas* — e não lhe agradei logo, porque o queria fazer depois da leitura. Conquanto não tenha competência alguma no assunto, li-o com cuidado e adivinhando o que não sabia, tal era o interesse que ele me despertara. (Carta a Aarão Reis, BARRETO, 1956b, p. 241)

Só agora pude ler a sua interessante peça — *Vícios Modernos* — que o senhor teve a bondade de oferecer-me. Creia, meu caro Senhor Paulo de Magalhães, que a li com muito interesse e cuidado, tanto o assunto é atraente como o senhor soube desenvolvê-lo de forma a prender a atenção do leitor. (Carta a Paulo de Magalhães, BARRETO, 1956b, p. 263)

Lima Barreto, apesar de ter limitações econômicas, foi educado em colégio de elite (custeado por seu padrinho Visconde de Ouro Preto) e sabia perfeitamente ler em inglês e francês. Por isso, frequentemente, tinha acesso a leituras vindas do continente europeu. Recebia material do estrangeiro de amigos, principalmente do jornalista Noronha dos Santos que, em suas viagens à Europa, trazia o que melhor se publicava em Paris. Com isso, Barreto teve contato com periódicos como *Figaro*, *Rèveu Bleu*, *Mercure de France*, *Nouvelle Revue Française*, *Journal des Débats* e *Rèveu des Deux Mondes*.

Na obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto revelou as inspirações para a sua escrita:

Não nego que para isso tenha procurado modelo e normas. Procurei-os, confesso; e agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. Estão ali o Crime e Castigo de Dostoiévski, um volume dos contos de Voltaire, A Guerra e Paz de Tolstói, O Rouge et Noir de Stendhal, a Cousine Bette de Balzac, a Education Sentimentale de Flaubert, o Antechrist de Renan, o Eça; na estante, sob minhas vistas, tenho o Taine, o Bouglé, o Ribot e outros autores de literatura propriamente, ou não. Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer (BARRETO, 1996, p. 60).

Embora fosse um leitor sofisticado, muitos o julgavam mal. Eugênio Gomes o acusou de não ter uma “formação filosófica sistematizada” e que apenas seguia “os caprichos de seu espírito” (GOMES, 1986, p.220). A opção do escritor em realizar uma escrita autobiográfica provém desses estudos, dessa procura do “segredo de fazer” uma literatura de qualidade. Será, por exemplo, na leitura do modelo da narrativa russa que buscará inspiração para a construção de sua visão de arte. Em carta a um jovem escritor, Barreto aconselha: “Leia sempre os russos: Dostoiévski, Tolstói, Turguêneff, um pouco de Gorki; mas, sobretudo, o Dostoiévski da Casa dos Mortos e Crime e Castigo” (BARRETO, 1956b, p.171).

Dostoiévski, dentre todos os autores russos, recebeu uma atenção especial de Lima Barreto. O autor de *Crime e Castigo* ficcionalizou a sua vida tal como Barreto também fez. Além disso, o autor russo representou em suas obras as grandezas e misérias de seu país, caminho seguido também pelo escritor brasileiro. Ademais, Dostoiévski registrou seu sofrimento de ser um prisioneiro e Barreto o de estar internado em um hospício. Em *Recordações da Casa dos Mortos*, de Dostoiévski, e *Cemitério dos Vivos*, de Lima Barreto, os autores transformaram as suas experiências de cárcere forçado em inspiração para a matéria-prima de seus romances. Os sofrimentos no real foram transportados para a ficção. Nos fragmentos a seguir podemos ver as semelhanças do texto do escritor brasileiro com o russo:

Dostoiévski - “A casa dos mortos” repetia eu, olhando, através do crepúsculo, pela porta da caserna, os forçados que voltavam do trabalho e que vagueavam pelo pátio, indo e vindo dos alojamentos para as cozinhas. Pelas atitudes e pelas caras, esforçava-me por lhes adivinhar os caracteres. Passavam e repassavam diante de mim, com a testa franzida ou simulando uma ruidosa alegria (Esses dois aspectos são os mais frequentes, e podem mesmo caracterizar o presídio). Praguejavam ou falavam simplesmente entre si, ou então, se afastavam, como para mergulhar em meditações solitárias, uns com o ar tranquilo, calmo, outros com jeito abatido e

displacente e alguns (até mesmo lá) com ar fátuo, o boné dum lado, a pele de carneiro atirada a um ombro, o olhar insolente e escarminho, o sorriso cinicamente zombeteiro (1952, p.135-6).

Lima Barreto - O espetáculo da loucura, não só no indivíduo isolado mas, e sobretudo, numa população de manicômio é dos mais dolorosos e tristes espetáculos que se pode oferecer a quem ligeiramente meditar sobre os destinos, sobre ele. /.../ O que todos julgam, é que a coisa pior de um manicômio é o ruído, são os desatinos dos loucos, o seu delirar em voz alta. É um engano. Perto do louco, quem os observa bem, cuidadosamente, e une cada observação a outra, as associa num quadro geral, o horror misterioso da loucura é o silêncio, são as atitudes as manias dos doidos. /.../ Na seção Pinel, num pátio que ficavam os mais insuportáveis, dez por cento deles andava nu ou seminu. Esse pátio há a coisa mais horrível que se possa imaginar. Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é tudo negro. O negro é a cor mais cortante, impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento. É uma luz negra sobre as coisas, na suposição de que, sob essa luz, o nosso olhar pudesse ver alguma coisa (1956c, p. 177, 184-5).

Observa-se na escrita de Lima Barreto a mesma tensão nervosa, vibrante, angustiante presente no texto do escritor russo. Seja na “casa dos mortos” ou no “cemitério dos vivos” a atmosfera é sufocante. Personagens loucos, doentes e criminosos ilhados pela sociedade ganham as páginas dos dois autores. Lima Barreto, seguramente, vê em Dostoiévski um modelo de narrativa adequado para denunciar todos os males derivados da exclusão social vivida em seu tempo.

Lima Barreto buscou, também, a leitura do escritor russo Turgueneff que lhe ofereceu um modelo de narrativa simples e direta. Já Tolstoi e Gorki apresentaram ao autor brasileiro uma clareza na linguagem que, certamente, contribuiu para o seu projeto de literatura militante. Assim, como podemos observar, a literatura russa representou um vasto campo para a construção do conceito de arte literária barretiano. Seus ideais de reforma social, com sua mensagem de solidariedade humana e as pinturas de ambientes locais visando um alcance universal, foram importantíssimos para a montagem do projeto de literatura militante.

É relevante destacar que Lima Barreto também estudou as obras de Taine e Brunetiére. No primeiro, apreendeu que a relação entre obra de arte e realidade é importante para trazer as vivências do escritor para as obras ficcionais. No segundo, buscou o conceito de universalidade da literatura. Guyau, filósofo e poeta francês, consta nas leituras de Lima Barreto. Do escritor, Lima Barreto tirou a ideia de que a arte é um instrumento eficaz para tratar de temáticas particulares

de um ponto de vista universal. Além de que, Barreto buscou em Guyau a ideia de que o herói é um ser social. Isaias Caminha ou Clara dos Anjos, por exemplo, fariam com que seus sofrimentos ficcionais fossem semelhantes aos de muitas pessoas reais. Segundo Cury (1981, p. 102), “Deste tripé — Taine, Brunetière e Guyau — elabora Lima sua ‘teorização’ e concepção da arte enquanto expressão do homem, da sociedade e dos seus destinos”.

Com relação ao ato de se tornar um personagem de sua obra, uma das fontes foi a leitura da obra *O Bovarismo* de Jules de Gaultier. Esse estudo, publicado em 1892 em Paris, caracterizava-se por apontamentos críticos derivados da obra *Madame Bovary* de Flaubert. Gaultier elaborou uma teoria frente à insatisfação de Emma Bovary com um mundo que não se assemelhava com as imagens propagadas pelo universo romanesco. O Bovarismo, então, seria o poder do homem de se conceber outro que ele não é. Tal como Emma Bovary que fez da ficção um parâmetro para a sua vida real. A personagem, desse modo, revela um modelo em que os personagens se concebem como outros que, na verdade, não são. A insatisfação com a realidade acarreta a criação de uma imagem tida como real.

A leitura de Gaultier é comentada por Lima Barreto em diversos ensaios publicados em jornais da época. No texto “Casos de Bovarismo”, Barreto apresenta para os leitores a obra de um moderno filósofo francês (leia-se Gaultier). E tira a conclusão de que a população sofre de um mal de pensamento, pois conhece “/.../ a imagem da realidade antes da realidade, a imagem das sensações e a dos sentimentos antes das sensações e dos sentimentos” (BARRETO, 1956a, p. 56). Seguindo essa concepção de mundo, através do uso do que chamou de *binóculo bovárico*, Lima Barreto mostrará ao leitor que se pode enxergar o real e não somente as imagens. Esse *binóculo bovárico*, até mesmo, pode ser interpretado como uma metáfora da arte, já que por esse instrumento há formação de um intelecto crítico. Contudo, a forma de arte a que se refere Barreto, certamente, é a Literatura que produz conscientização e não conduz a modelos que reforçam as distorções do real.

O conceito de Bovarismo está presente na caracterização de vários personagens criados por Lima Barreto. Todos, de certa forma, possuem o seu “bovarismo”. Cada um deles retorce a realidade e cria fantasias. Assim sendo, merece destaque o ser ficcional que mais se acha impregnado de bovarismo: o Major Policarpo Quaresma. O exímio funcionário público tinha uma imagem do Brasil que estava em desacordo com o país real. Todo o sofrimento desse personagem resultará do seu desencontro entre os seus sonhos e a realidade do mundo. Se para o próprio Major o seu ideal de procurar um produto essencialmente nacional configura-se como um projeto passível de concretização, para muitas pessoas não passava de meros delírios de um louco. Logo, há uma distorção do real por parte de Policarpo, pois este não vê que seus propósitos de maneira alguma poderiam ser adotados na nação em que vivera. Há um conflito entre a imagem que Policarpo faz do seu país e o Brasil verdadeiro.

Vale lembrar que a filosofia de Gaultier está presente na concepção de Barreto de ficcionalizar a si próprio. O escritor retira de sua vida real algumas características que são repassadas para personagens como Leonardo Flores de *Clara dos Anjos*. Entretanto, o leitor pode se interrogar qual a relação entre essa ficcionalização da vida do famoso romancista e a teoria do bovarismo. Antes de tudo é importante mencionar que o escritor não repassou suas características pessoais aos seus personagens com exatidão. É bem verdade que na arte tudo se redimensiona, ou melhor, há uma deformação por vias da imaginação. Lima Barreto, na verdade, concebeu-se como um outro, isto é, construiu um sujeito esmagado por seus contemporâneos, vítima da sociedade, fracassado, sem sucesso algum. Entretanto, na farta documentação sobre o autor, percebe-se que Barreto estava longe de ser um escritor pouco conhecido nas rodas literárias. Inclusive, o escritor Jaime Adour da Câmara revelou em carta ao próprio autor de *Numa e Ninfa* que seu nome era citado em rodas de palestras no Rio Grande do Norte (BARRETO, 1956b, p. 158).

Toda essa imagem (como a de fracassado e romancista obscuro) tem na teoria de Gaultier a justificativa principal: o ser-humano concebe-se outro que ele não o é. A imagem criada pelo autor, por fim, substituiu a sua personalidade real.

Todavia, o que queria Lima Barreto com isso se, ele próprio, declarava, que o bovarismo era um mal para a humanidade? Nesse momento, entra a construção textual de nosso autor: sua apresentação como um sujeito fatalista, ingênuo, marginalizado, em uma sociedade como a *Belle Époque*, fez com que sua realização ficcional tivesse um diferencial frente ao mar de obras com ecos do parnasianismo. Lima Barreto, que vivera na artificial Paris tropical de Pereira Passos, incorporou de modo irônico essa encenação teatral em suas obras. Seus personagens pobres, suburbanos e com vestimentas esbodegadas, propositalmente, destoavam nessa “cidade cenário” construída pela elite.

O apoio teórico de Lima Barreto ainda se estende à leitura de escritores positivistas como Anatole de France: “/.../ quase todas as suas obras, se não visam à propaganda de um credo social, têm por mira um escopo social. Militam” (BARRETO, 1956d, p.72). Ressalta, inclusive, que o termo militante foi retirado de Eça de Queirós a quem confere o ineditismo do uso desse conceito:

O Eça por quem não cesso de proclamar a minha admiração, empregou-o, creio que nas *Prosas Bárbaras*, quando comparou o espírito da literatura francesa com o da portuguesa.

Nesse rol de leituras ainda há a influência marcante de Miguel de Cervantes. Aliás, Lima Barreto foi um dos poucos escritores naqueles tempos a ler a obra de Cervantes no original. Grande parte dos intelectuais da época tinha acesso a estudos interpretativos e não ao livro em si (VELLOSO, 1996, p. 133). É fato que a construção de Policarpo Quaresma possui diversas semelhanças com o Quixote de Cervantes. Observa-se também que a influência da figura burlesca de Dom Quixote está enraizada no próprio modo como Barreto enxergou a sua sociedade. Lima Barreto realizou muitas de suas produções romanescas guiadas pelo riso (como no caso de *Os Bruzundangas*), pois, através do humor, um comentário crítico chega com mais facilidade à população.

É notável comentar que Lima Barreto deixou muito claro toda a síntese que retirou de suas leituras no texto “O destino da Literatura”. Essas páginas escritas pelo autor fazem parte de uma conferência que não chegou a ser proferida, na

cidade de Rio Preto, São Paulo². Autores como Taine, Guyau e Brunetière aparecem como referenciais teóricos. Nesse texto, o foco principal de Barreto se guia pela procura da resposta frente à seguinte pergunta: “Em que pode a Literatura ou a Arte contribuir para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade, enfim?” (BARRETO, 1956d, p.55-6). Para Lima Barreto, a arte tem uma função social de reforçar o ideal de solidariedade humana:

/.../ quanto mais compreendermos os outros que nos parecem, à primeira vista, mais diferentes, mais intensa será a ligação entre os homens, e mais nos amaremos mutuamente, ganhando com isso a nossa inteligência, não só coletiva como a individual. A arte, tendo o poder de transmitir sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade. (BARRETO, 1956d, p.67)

Percebe-se que Lima Barreto traz a tona um rico debate sobre a finalidade da arte, principalmente a literária. O escritor que é taxado de não ter sustentação teórica nos fornece uma conceituação com respaldo de críticos influentes de sua época. O romancista trabalha com conceitos retirados da obra de Guyau, Tolstói, Hegel, Brunetière e Dostoiévski. Nesse último autor, inclusive, toma como base a obra *Crime e Castigo* para debater a questão do que seria o “belo” na Literatura. E, ao recorrer as ideias de Taine, revela que a beleza nesse grande livro russo não está no estilo, mas sim nas ideias propagadas pela história.

Dessa forma, o texto *O Destino da Literatura* possui uma importância decisiva para se refazer o percurso de leituras do autor. Nessa singular conferência, pode-se entender o porquê de o romancista realizar uma literatura social e vê-se, também, um debate intenso com a corrente de pensamento positivista. Toda a fundamentação teórica de Lima Barreto está bem esclarecida nesse documento literário. Mas, a importância maior, e até a mais irônica, foi identificada por Irenísia de Oliveira: “o escritor ‘sem estilo’, como ele é encarado muitas vezes, propôs uma das discussões mais produtivas para se pensar o estilo na literatura brasileira” (OLIVEIRA, 2005, p. 159). Sem dúvida, o escritor carioca,

² Em um triste episódio, todos aguardavam a presença de Lima Barreto no evento. Como o escritor não aparecia, resolveram procurá-lo e o acharam bebendo em um bar. A justificativa do autor foi o seu pavor de falar em público.

ao criticar o estilo artificial de sua época não realizava uma explanação movida a causas pessoais, como queriam relativizar os seus críticos. O romancista fez na sua Literatura um trabalho consciente tanto na sua forma como no conteúdo. A função social de sua escrita era reforçada por uma linguagem clara, acessível a uma gama maior de leitores.

Pode-se observar que há certa coerência nos percursos literários realizados pelo leitor Lima Barreto. A ligação entre realidade e ficção na caracterização de personagens foi buscada em Dostoiévski, Taine, Guyau e Gaultier. O enfoque social, fundamental para a sua literatura militante, teve apoio teórico nos escritores russos, em Anatole de France e em Eça de Queirós. A confecção de uma narrativa simples e sem floreios bebeu em fontes como Turgueneff, Tostoi e Gorki. O estilo de partir de uma narrativa local objetivando uma mensagem universal derivou-se de suas leituras novamente da literatura russa. E a “pitada de humor” teve em Cervantes um grande mestre. Como nos revelou Cavalcanti Proença, Lima Barreto (1973, p.79):

Estruturou as suas teorias, definiu princípios e escolheu as diretivas formais que lhe pareceram adequadas à difusão de sua obra. Simplicidade, simplicidade, foi o seu norte. Primeiro, porque desejava chegar ao povo, influir nele, melhorando-o com a sua mensagem; segundo, porque as suas preocupações científicas lhe deram a convicção de que só na simplicidade pode haver clareza, correspondência entre pensamento e palavra.

Enfim, há uma busca de autores com ideias afins que contribuíram para a sistematização de seu conceito de literatura militante. A sua simplicidade no estilo literário advém de um rico trabalho na busca de um projeto militante. Provando, assim, que por detrás de uma linguagem e de uma estrutura narrativa simples há uma escolha estilística extremamente pensada e estudada com fins de fazer de sua literatura um objeto de revolução social.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, Francisco de Assis. A Vida de Lima Barreto, 1881-1922. 5ª ed., RJ: J. Olympio; Brasília: INL, 1975.

BARRETO, Lima. Bagatelas. SP: Brasiliense, 1956a.

_____. Correspondência Ativa e Passiva. Vol I e II. SP: Brasiliense, 1956b.

_____. O Cemitério dos Vivos. SP: Brasiliense, 1956c.

_____. Impressões de Leitura. SP: Brasiliense, 1956d.

_____. Recordações do escrivão Isáias Caminha. 10ª ed., RJ: Ediouro, 1996.

_____. Triste Fim de Policarpo Quaresma. SP: Brasiliense, 1956e.

_____. Vida Urbana. SP: Brasiliense, 1956f.

CANDIDO, Antonio. "Os olhos, a barca e o espelho". *In: A educação pela noite e outros ensaios*. SP: Ática, 1987.

CURY, M. Zilda Ferreira. Um mulato no reino de Jambon: as classes sociais na obra de Lima Barreto. SP: Cortez, 1981.

DOSTOIÉVSKI, Feodor. Recordações da casa dos mortos. 3ª ed., RJ: Livraria José Olympio Editora, 1952.

FANTINATI, Carlos Erivany. O Profeta e o Escrivão: Estudo sobre Lima Barreto. São Paulo: ILPHA-HUCITEC, 1978.

GAULTIER, Jules de. Le Bovarysme. Mémoire de la critique. Suivi d`une étude de Per Buike. Le principe bovaryque. Paris: Press de l`université Paris Sorbonne, 2006.

GOMES, Eugênio. "Lima Barreto". *In*: COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. 3ª ed., RJ: José Olympio; Niterói: UFF, 1986, p. 218-19.

LAMEGO, Valéria. "Lima Barreto: críticas duras e pseudônimos". *In*: Jornal do Brasil, Caderno B, RJ: 02/07/2000, p. 1-2.

OLIVEIRA, Irenísia Torres de. "O estilo sob suspeita: preocupações modernas na obra de Lima Barreto" *In*: Terceira Margem: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. UFRJ, Ano IX, nº 12, 2005, p. 150-59.

PROENÇA, M. Cavalcanti. "Lima Barreto". *In*: Augusto dos Anjos e outros ensaios. 2ª ed., RJ: Grifo; Brasília, INL, 1973 (Coleção Litera 3), p. 47-85.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes. RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.